



ID: 118185201

15-07-2025

DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, João Pinto, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carioca e Pedro Oliveira.



JOSÉ CRESPO DE CARVALHO
Dean do Iscte
Executive Education

O culto do mau aluno e a troca do craque em impacto!

O domínio das frases feitas e narrativas fáceis, prolifera nas redes sociais e brinda-nos com ideias como esta: “Não são os 20 valores que te levam mais longe. É a tua atitude, a resiliência e o impacto que crias no mundo.” À primeira vista, parece um cântico que nos leva à superação, mas, de forma mais atenta — a mais importante — é não mais que uma perigosa glorificação do desleixo e da superficialidade, uma tentativa de substituir mérito por retórica.

Há, atualmente (não é atual!), uma espécie de culto do mau aluno em Portugal e em alguns países menores (em tempos o bom aluno era o marrão; agora é o que não tem competências sociais; mudam-se os tempos...), disfarçado de narrativa alterna-

tiva. É o aluno que nunca teve boas notas, mas que, em vez de refletir sobre isso com sentido crítico, decide que o problema está no sistema, na métrica, na exigência. E, vai daí, vira-se para um novo léxico de legitimação: “O que conta é a inteligência emocional. O importante é ter impacto. O que interessa é ser resiliente.”

Será que estas pessoas sabem, de facto, o que está por trás de um 20? Sabem o que implica manter uma média elevada? Sabem o que custa chegar ao topo, quando o topo exige não apenas inteligência, mas disciplina, sacrifício, privação e uma persistência quase diária?

Quem olha para a excelência como uma coisa fria, mecânica e até tóxica, ignora por completo a complexidade do mérito académico. Um 20 não é apenas um número. É a ponta visível de um icebergue em cuja base estão o esforço silencioso, noites mal dormidas, atenção ao detalhe, capacidade de adiar gratificações e de resistir à tentação do mínimo. É, em muitos casos, uma prova de resiliência emocional. Sim, emocional. Porque é preciso força interior para lidar com a pressão, com o erro, com a frustração de um 14 depois de se ter dado tudo, e ainda assim voltar à luta para alcançar o 18 ou o 20.

A disciplina que se cria em torno da excelência académica molda, desde cedo, não apenas o lado cognitivo, mas sobretudo o caráter. O bom aluno, o aluno que busca o melhor de si e para si, aprende a lidar com metas, com falhas e com a dura realidade de que nada se constrói sem esforço. Aprende que o impacto no mundo começa precisamente por aquilo que se exige de si no presente. Aprende que resiliência não é uma palavra usada em posts, mas uma prática diária. E isso subjaz também à missão das universidades. Enfim, das boas universidades.

Há até quem, em nome da autenticidade ou do “ser diferente”, despreze o percur-

O “bom aluno” é muitas vezes o “bom colega”, o “bom líder”, o “bom cidadão”. Não porque sabe mais, mas porque aprendeu cedo a responsabilizar-se mais.

so do bom aluno. Esquece-se de que muitos dos profissionais mais criativos, mais empáticos, mais líderes nos seus contextos, foram exatamente aqueles que desenvolveram o hábito da superação nos pequenos e grandes testes da vida académica. Exemplos? Aos milhares. A resiliência também se aprende quando se tenta subir de um 12 para um 15. O impacto também se gera quando se contribui, pelo exemplo, para uma cultura de exigência, de mérito, de consistência.

Estudos apontam, inclusive, para uma correlação entre o bom desempenho académico e competências comportamentais mais sólidas — autocontrolo, empatia, cooperação, capacidade de adiar recompensas. Ou seja, o “bom aluno” é muitas vezes o “bom colega”, o “bom líder”, o “bom cidadão”. Não porque saiba mais, mas porque aprendeu cedo a responsabilizar-se mais.

Isto não significa ignorar que há trajetos alternativos, nem negar que muitos alunos com más notas se tornam pessoas extraordinárias. Mas há uma diferença entre reconhecer exceções e construir uma narrativa onde o fracasso sistemático se torna virtude só porque foi bem embrulhado em palavras como “impacto” e “resiliência”.

No fundo, não será uma questão de notas, mas é uma questão de atitude perante o esforço. O que não podemos permitir é que a sociedade legitime a fuga à exigência com chavões. Porque a verdadeira inteligência emocional começa por reconhecer o valor do outro. E o bom aluno, por trás do seu 20, é muitas vezes o retrato vivo dessa inteligência: silenciosa, perseverante e profundamente transformadora.

Disto, e de pessoas que acreditam em frases destas, não precisamos em Portugal. Portugal precisa, e muito, de bons alunos. Tão bons que nos tirem da mediocridade permanente da qual teimosamente não queremos sair. Sinónimo de terceiro-mundismo. ■

Nuno Fonseca/Movephoto

